



## Liderança e massa feminina no mangá *Suicide Club*

Leonardo Vinicius Sfordi da Silva

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Maria Isabel Borges

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

### Resumo

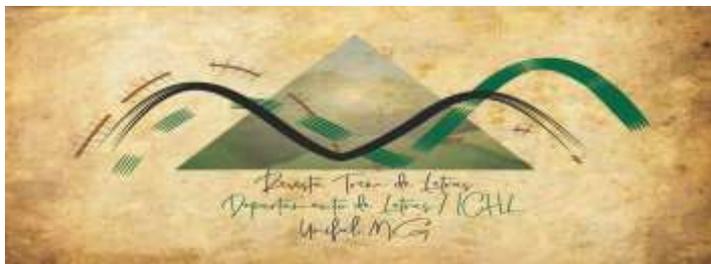
O suicídio é um dos temas contemplados no mangá *Suicide Club* (Furuya, 2017), que atualmente também é uma questão de saúde pública. Trata-se de uma misteriosa história sobre jovens garotas, em idade colegial, formando grupos de suicídio coletivo. Pretende-se compreender a construção da liderança de um grupo de suicídio no mangá citado sob a ótica da psicanálise das massas, em conexão com a linguagem quadrinística. A análise de cunho interpretativista está organizada em três etapas: 1) apontamento de alguns princípios advindos dos estudos de Le Bon (1980), MacDougall (1928) e Freud (2011), para a construção de uma perspectiva psicanalítica sobre as massas, sobretudo em relação à constituição do coletivo e da liderança; 2) caracterização do mangá *Suicide Club* (Furuya, 2017), incluindo algumas especificidades da linguagem quadrinística (Acevedo, 1990; Cagnin, 2014; Chinen, 2013; Ramos, 2010); 3) análise, subdividida em duas partes, a caracterização da massa feminina e da liderança. Dentre os aspectos observados, destaca-se a força da liderança na composição, coesão e no direcionamento da massa feminina analisada.

**Palavras-chave:** Psicanálise das massas. Suicídio. Mangá.

Submetido em: 02/02/2022

Aceito em: 18/02/2022

Publicado em: 07/03/2022



Departamento de Letras  
Instituto de Ciências Humanas e Letras  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –  
CEP 317131-001 - Brasil

## Leonardo Vinícius Sfordi da Silva



Doutorando em Estudos Literários do Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil. Mestre em Literatura e Formação de Leitores e graduado em Letras-português/inglês pela mesma universidade.



<http://lattes.cnpq.br/0461341749975080>



<https://orcid.org/0000-0001-7830-9663>



[Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá \(UEM\)](#)



Departamento de Letras  
Instituto de Ciências Humanas e Letras  
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –  
CEP 317131-001 - Brasil



**Maria Isabel Borges**

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Docente e pesquisadora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil.



<http://lattes.cnpq.br/7120412982970882>



<https://orcid.org/0000-0001-7830-9663>



[Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina \(UEL\)](#)



## LIDERANÇA E MASSA FEMININA NO MANGÁ *SUICIDE CLUB*

Leonardo Vinícius Sfordi da Silva (Universidade Estadual de Maringá)<sup>1</sup>

Maria Isabel Borges (Universidade Estadual de Londrina)<sup>2</sup>

### Considerações iniciais

O mangá *Suicid Clube* foi publicado em 2001, no Japão, por Usamaru Furuya, tendo uma segunda edição em 2008. No Brasil, a publicação ocorreu em 2017 pela editora NewPOP. A narrativa é inspirada no filme *O Pacto* (Brasil, 2002) (*Suicide Club*, Japão, 2001), produzido e dirigido por Sion Sono. O mangá, entretanto, apresenta uma autonomia narrativa em relação ao longa-metragem, a partir do suicídio coletivo inicial, mostrando contextos, personagens, conflitos e ambientações diferentes. Com isso, o suicídio é ressignificado no enredo do mangá, tendo em vista que se organiza a partir de outra linguagem, a quadrinística.

A misteriosa história diz respeito a jovens garotas, em idade colegial, formando grupos de suicídio coletivo. São 6 capítulos e uma introdução. Nesta, já é trazido ao leitor um suicídio em massa na estação de trem. O primeiro capítulo do mangá, “Saya”, mostra a homônima como sobrevivente do incidente na linha férrea. Nos capítulos seguintes, o enredo focaliza o processo de Saya — mergulhada em um sofrimento psíquico e físico — abandonando sua essência e tornando-se “Mitsuko”, uma identidade simbólica cuja função é liderar o clube, reunir novas seguidoras e controlar as próximas dinâmicas do

<sup>1</sup> e-mail: [leonardo\\_sfordi90@hotmail.com](mailto:leonardo_sfordi90@hotmail.com)

<sup>2</sup> e-mail: [mariaborges@uel.br](mailto:mariaborges@uel.br)



grupo. Em conflito com outra protagonista, sua amiga de infância, Kyoko descobriu o teor macabro do grupo e tentou impedir que ela promovesse mais suicídios. Contudo, no capítulo final, Kyoko não conseguiu deter a massa, participou do último suicídio coletivo e se tornou a nova Mitsuko, ao misteriosamente sobreviver ao mais novo suicídio em grupo. Ademais, há, paralelamente no desenvolvimento da narrativa, tramas envolvendo: prostituição, depressão, automutilação, machismo e até assassinato dos opositores.

O suicídio é um dos temas contemplados no mangá *Suicide Club* (Furuya, 2017). Segundo a OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) (2021<sup>3</sup>), vinculada à OMS (Organização Mundial da Saúde), entre os jovens de 15 e 29 anos, em 2016, o suicídio constituiu o segundo motivo das mortes, tratando-se de um problema de saúde pública de todos os países, ricos e em desenvolvimento. Porém, destaca a OPAS (2021), 79% dos casos de suicídios acontecem em países de baixa e média renda, o que inclui o Brasil. “Todos os anos, mais pessoas morrem como resultado de suicídio do que HIV, malária ou câncer de mama — ou guerras e homicídios. Em 2019, mais de 700 mil pessoas morreram por suicídio: uma em cada 100 mortes, o que levou a OMS a produzir novas orientações para ajudar os países a melhorarem a prevenção do suicídio e atendimento” (OPAS, 2021<sup>4</sup>). Uma mudança nas estatísticas vem ocorrendo nos últimos 20 anos, o aumento dos casos nas Américas. Dentre as formas de suicídio, as mais comuns são por ingestão de pesticidas, enforcamento e armas de fogo.

No Brasil, desde 2014, existe a campanha *Setembro Amarelo*, criada pela ABP (Associação Brasileira de Psiquiatria), em conjunto com o CFM (Conselho Federal de Medicina). O *Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio* é 10 de setembro. “São registrados

<sup>3</sup> ORGANIZAÇÃO PAN-AMAERICANA DA SAÚDE. *Suicídio*. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

<sup>4</sup> ORGANIZAÇÃO PAN-AMAERICANA DA SAÚDE. *Uma em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS*. Publicado em: 17 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>>. Acesso em: 01 fev. 2022.



mais de 13 mil suicídios todos os anos no Brasil e mais de 01 milhão no mundo. *Trata-se de uma triste realidade*, que registra cada vez mais casos, principalmente entre os jovens. Cerca de 96,8% dos casos de suicídios estavam relacionados a transtornos mentais. Em primeiro lugar está a depressão, seguida do transtorno bipolar e abuso de substâncias” (Setembro Amarelo, 2021<sup>5</sup>).

Nesse sentido, entende-se, neste artigo, que há urgência em discutir o tema. Dentre os objetivos, o principal é compreender a construção da liderança de um grupo de suicídio no mangá *Suicide Club* (Furuya, 2017) sob a ótica da psicanálise das massas, em conexão com a linguagem quadrinística. Já os objetivos secundários são: a) elencar alguns princípios da psicanálise das massas para a análise da liderança e da constituição do grupo no mangá citado; b) descrever os principais recursos da linguagem dos quadrinhos em funcionamento, de modo a contribuir na construção dos sentidos.

Para o desenvolvimento deste trabalho, pautou-se na análise de cunho interpretativista. Em primeiro lugar, foram elencados alguns princípios advindos dos estudos de Le Bon (1980), MacDougall (1928) e Freud (2011), para a construção de uma perspectiva psicanalítica sobre as massas, sobretudo em relação à constituição do coletivo e da liderança. Em segundo, foram apontadas as principais características do mangá *Suicide Club* (Furuya, 2017), destinado ao público feminino adulto, seguindo a leitura oriental da direita para esquerda. Também foram trazidas algumas especificidades do mangá quanto ao uso da linguagem quadrinística (Acevedo, 1990; Cagnin, 2014; Chinen, 2013; Ramos, 2010). A análise está dividida em duas seções, sendo a primeira destinada à caracterização da massa feminina retratada no mangá em ciclos; enquanto a segunda se concentra na descrição das lideranças. Por fim, na conclusão, esboça-se uma percepção de suicídio, com base na análise desenvolvida.

<sup>5</sup> SETEMBRO AMARELO. Disponível em: <<https://www.setembroamarelo.com/>>. Acesso em: 01 fev. 2022.



## 1 Alguns princípios para pensar as massas

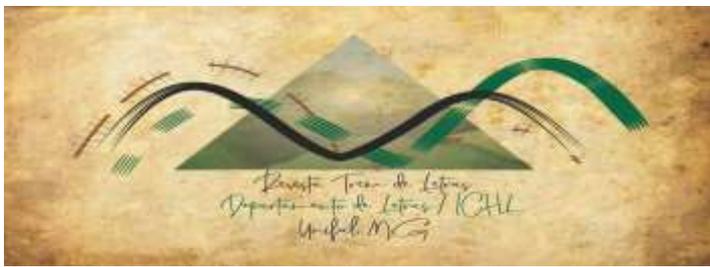
A organização social de pessoas em pequenos grupos para conseguir sobreviver não é novidade na história da humanidade. Desde que os homens deixaram de ser coletores e passaram a se sedentarizarem, a constituição de grupos tornou-se fundamental para garantir a sobrevivência e melhorar a qualidade de vida. O estudo sobre as massas, nesse sentido, pode ser pensado sob a ótica da Psicologia e a da Psicanálise, apoiando-se em ideias advindas das áreas da Sociologia e da Filosofia. Para estas duas áreas, as massas são maneiras de as pessoas conseguirem viver harmonicamente em sociedade, dispensando as vontades individuais para um bem comum. Por exemplo, os contratualistas<sup>6</sup> Hobbes (1979)<sup>7</sup> e Rousseau (1996)<sup>8</sup> — mesmo sob ângulos divergentes — já estudavam a necessidade de os seres humanos se estabelecerem em um grupo para a coexistência no meio social.

Tanto a Psicologia quanto a Psicanálise sempre estudaram o Homem a partir de sua singularidade e subjetividade nas múltiplas esferas cotidianas. Dessa forma, uma formulação, seja psicológica, seja psicanalítica, das dinâmicas comportamentais explícitas e inconscientes das massas teve sua elaboração recente quando comparada à epistemologia do sujeito particular. Ainda que os estudos acadêmicos acerca da psicanálise das massas não tenham tido gênese com Sigmund Freud, há outros teóricos — lidos por ele e abordados na análise, como Le Bon (1980) e MacDougall (1928) — que

<sup>6</sup> É uma corrente teórica da filosofia que parte do pressuposto do qual, nos tempos remotos, no estado de natureza, havia o caos social instaurado. Assim, conforme esta linha de pensamento, precisaram “abandonar este estado para construir o Estado político, mediante um contrato” (Aranha; Martins, 2009, p. 302).

<sup>7</sup> Publicado originalmente em 1651.

<sup>8</sup> Publicado originalmente em 1762.

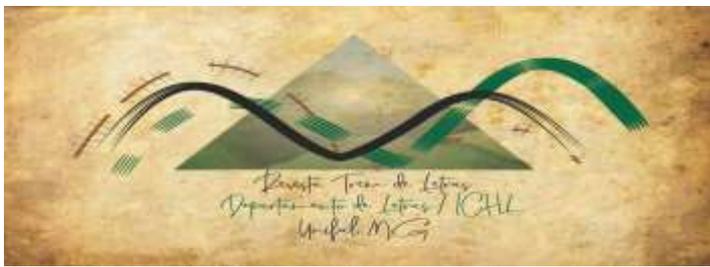


se debruçaram sobre a questão e trouxeram reflexões a respeito da morfologia e da semântica das massas.

Conforme Freud (2011), Bock, Furtado e Teixeira (2001), Gustave Le Bon foi um dos pioneiros no que tange ao estudo das massas. Em *Psicologia das multidões*, lançado em 1895, na França, o psicólogo apontou aspectos contrastivos sobre o indivíduo e o seu agrupamento. Para Le Bon (1980), a massa é entendida como uma “alma coletiva”, o local onde os integrantes podem “sentir, pensar e agir de uma maneira diferente do modo como sentiriam, pensariam e agiriam cada um isoladamente” (Le Bon, 1980, p. 12). Logo, as diferentes massas dão gênese para determinadas ações e ideologias, de modo que um mesmo indivíduo, se analisado em sua perspectiva singular, difere significativamente quando visto em coletividade.

Le Bon (1980) ainda estabelece três elementos observáveis nas massas: a) irresponsabilidade; b) contágio mental; c) poder da sugestão. Sobre o primeiro, o indivíduo em uma multidão cede a extintos morais e eticamente inaceitáveis, aos quais não assente isolado e que “teria forçosamente reprimido. E cederá tanto mais facilmente quanto, por a multidão ser anônima e por consequência irresponsável, mais completamente desaparece o sentimento de responsabilidade que sempre retém os indivíduos” (Le Bon, 1980, p. 14). A irresponsabilidade e a falta de dolo adquiridas na massa originam o próximo elemento observado por Le Bon (1980): o contágio mental. Este ocorre nas multidões, pois nela “todos os sentimentos e atos são contagiosos a ponto de o indivíduo sacrificar facilmente o seu interesse pessoal ao interesse coletivo. Trata-se de uma aptidão que é contrária à natureza do homem e de que ele só é capaz quando faz parte de uma multidão” (Le Bon, 1980, p. 14).

O terceiro elemento postulado é o poder de sugestão, que, em uma analogia à hipnose, tem o poder de desvanecer a personalidade consciente que “determina nos indivíduos em multidão caracteres especiais que são por vezes bastante opostos aos do



indivíduo isolado” (Le Bon, 1980, p. 14). Desse modo, na perspectiva do autor, as massas estão ligadas a comportamentos primitivos de selvageria. O indivíduo, ao se integrar a uma coletividade, deixa aflorar os impulsos profundos e se desencontra de ações aceitáveis vigentes.

A multidão não é apenas impulsiva e móvel. Tal como o selvagem, também ela não admite que se interponham obstáculos entre o seu desejo e a realização desse desejo, e admite-o tanto menos quanto maior for o seu número, o que lhe dá a sensação de um poder irresistível. Para o indivíduo em multidão a noção de impossibilidade desaparece. O homem isolado sabe bem que sozinho não poderá incendiar um palácio ou roubar um armazém e, por isso, a tentação de o fazer nem sequer lhe aflora ao espírito. Mas, ao fazer parte de uma multidão, toma consciência do poder que o número lhe confere e cede imediatamente à primeira sugestão de crime ou de roubo. Qualquer obstáculo inesperado será derrubado com ímpeto. Se fosse possível ao organismo humano perpetuar o furor, poder-se-ia dizer que esse era o estado normal da multidão contrariada (Le Bon, 1980, p. 18).

Em suma, para Le Bon (1980), as massas se constroem a partir dos processos de contágio mental e sugestão entre seus integrantes. Estes abandonam suas subjetividades, com o propósito de integrar o grupo, a “alma coletiva”. Uma vez consolidadas, as massas são destemidas, selvagens e irresponsáveis, pois tentarão de tudo para alcançar seus objetivos, ultrapassando ideais de moralidade.

Além de Le Bon (1980), outro teórico que versou sobre a organização das massas foi William MacDougall, com grande destaque na literatura da psicologia social. Este, em *The Group Mind: A Sketch of the Principles of Collective Psychology* (1928), diz que a formação da coletividade é um processo natural e inevitável da humanidade, podendo ser observada ao longo da história ocidental. MacDougall (1928), conforme Freud (2011), converge com a teoria de Le Bon, dentre as quais são de destaque os fatos de que: a) o indivíduo reprime certos comportamentos na massa; b) a massa adquire irracionalidade e c) dá voz a impulsos irracionais.



Para o autor, o sentimento de *grupo* pode ser definido em uma síntese entre a configuração biológica de sobrevivência, o sentimento individual de preservação e o altruísmo. O bom funcionamento da sociedade deve afetar todos igualmente, tornando as relações harmônicas para um bem maior. Assim, “the powerful egoistic impulses being sublimated to higher ends than the promotion of the self's welfare” (MacDougall, 1928, p. 87)<sup>9</sup>. Nessa questão, um ponto adicional proposto pelo autor é o fato de que os membros da massa, mesmo que renunciando seus impulsos subjetivos, gozam de um extremo prazer quando se tornam integrantes do grupo e podem se beneficiar dessa condição.

MacDougall (1928) também analisou a atemporalidade que uma massa pode ter. Para ele, ela ultrapassa a existência individual de seu criador e seus membros, pois tem a continuidade como característica basilar. Na visão de MacDougall (1928, p. 87), “the group sentiment is capable of idealisation in, a high degree and of yielding satisfactions far more enduring and profound than the most refined self-sentiment”<sup>10</sup>.

Sucedendo os teóricos Le Bon e MacDougall, Freud elaborou a obra *Psicologia das massas e análise do Eu*, publicada originalmente em 1921. De antemão, é válido ressaltar que Freud, em seus escritos, conforme o próprio teórico afirma, reconhece as ideias de Le Bon e MacDougall, além de compartilhar três fundamentos epistemológicos: a) o fato de que a massa ultrapassa uma simples associação de indivíduos; b) ela reprime e sublima os impulsos individuais; c) não é dotada de racionalidade e apresenta um teor “animalesco”.

Inclinada a todos os extremos, a massa também é excitada apenas por estímulos desmedidos. Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a

<sup>9</sup> “os poderosos impulsos egoístas são sublimados para fins mais elevados do que a promoção do bem-estar do eu” (Macdougall, 1928, p. 87, tradução nossa).

<sup>10</sup> “O sentimento grupal é capaz de idealização em alto grau e de produzir satisfações muito mais duradouras e profundas do que o sentimento próprio mais refinado” (Macdougall, 1928, p. 87, tradução nossa).



mesma coisa. Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência da sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. Ela respeita a força, e deixa-se influenciar apenas moderadamente pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência. Quer ser dominada e oprimida, quer temer os seus senhores. No fundo inteiramente conservadora, tem profunda aversão a todos os progressos e inovações, e ilimitada reverência pela tradição. Para julgar corretamente a moralidade das massas, deve-se levar em consideração que, ao se reunirem os indivíduos numa massa, todas as inibições individuais caem por terra e todos os instintos cruéis, brutais, destrutivos, que dormitam no ser humano, como vestígios dos primórdios do tempo, são despertados para a livre satisfação instintiva (Freud, 2011, p. 27).

Em linhas gerais, a diferença da perspectiva analítica freudiana em relação a outros se respalda em dois aspectos fundamentais: as ligações libidinais e a liderança. O primeiro deles está centrado no fato de que as ligações libidinais (instintos humanos que estão relacionados aos sentimentos de amor e afeto, em sua ampla heterogeneidade semântica) são, por essência, componentes básicos da articulação das massas; enquanto o segundo está no holofote que o líder da massa recebe e como isso afeta imediatamente sua praxe.

A partir do viés freudiano, a gênese de um grupo e sua coesão ocorrem justamente por meio das ligações libidinais entre seus integrantes. A particularidade do pensamento freudiano acerca das massas está relacionada ao fato de que não é apenas a sugestão que constitui um grupo, e sim os laços de energia libidinal particulares constituem seu poder de coesão basilar. “Se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, ‘por amor a eles’” (Freud, 2011, p. 34).

Conforme Freud (2011), as ligações libidinais com frequência ocorrem a partir do conceito de identificação. Este é a causa primária da afetividade, que ocorre a partir de dinâmicas inconscientes: “a escolha de objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto” (Freud, 2011, p. 48). Dessa forma, conforme o

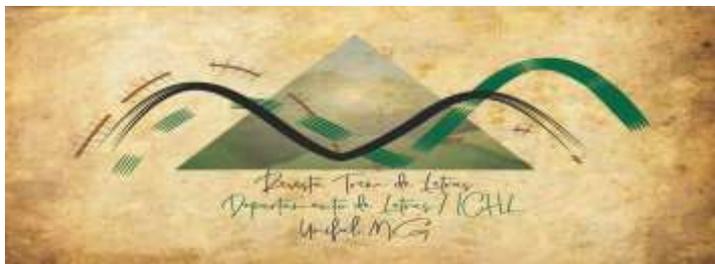


psicanalista, uma ligação libidinal sexual dirigida a uma meta específica é substituída pela introjeção do objeto no Eu, ao comungar vivências e ideias com pessoas fora de sua meta. Logo, “quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação” (Freud, 2011, p. 50).

Com o intuito de didatizar o funcionamento das ligações libidinais em uma massa, Freud (2011) ilustra a questão com dois exemplos de massas artificiais: a Igreja e o Exército. Na Igreja, o princípio que une todos os seguidores acontece por uma relação de troca afetiva. Eles estão juntos por se identificarem ao acreditar que Deus compartilha um amor forte e igualitário para todos. Nesse sentido, unem-se para celebrar tal amor e retribuí-lo a Deus. No exército, a união afetiva entre os membros ocorre por sentimento de identificação de dever à pátria. Assim, o capitão corresponde à figura paterna que deve tratar os membros também em patamar de igualdade dentro de uma mesma hierarquia.

Há ainda outro aspecto que evidencia as ligações libidinais como elemento-chave para a constituição das massas: o sentimento de pânico, quando há uma possibilidade da dissolução do grupo. O pânico é percebido, conforme Freud (2011, p. 39), quando “as ordens do superior não são mais ouvidas e cada um passa a cuidar apenas de si, sem consideração pelos demais. O pânico nasce pela intensificação do perigo que afeta a todos, ou pela cessação dos laços afetivos que mantêm a massa coesa, e este caso é análogo ao medo neurótico”.

O segundo fundamento distintivo da psicanálise freudiana em relação aos dois teóricos apresentados é a importância que o líder tem para a coesão e o funcionamento da massa. Para Freud (2011), a liderança que coordena as massas pode ser de duas formas: a) a partir de um líder físico e b) a partir de um ideal. A primeira é o líder como chefe, pessoa física que tem autoridade para comandar, a qual pertence às massas mais



antigas que se tem conhecimento. A segunda forma de massa, ainda mais complexa, é a sem líder físico. Nesse caso, a liderança passa a ser uma ideia, uma abstração, que exerce influência e tem efeito direto no grupo.

Para compreender a importância da liderança desde os primórdios da humanidade, Freud (2011) retoma a perspectiva da horda primeva<sup>11</sup>, de Darwin, elucidando que os primeiros conglomerados humanos estavam sendo liderados por um “macho forte” (termo freudiano), dando, assim, a origem da primeira massa. “Procurei mostrar que as fortunas dessa horda deixaram traços indelévels na história da linhagem humana; em especial, que o desenvolvimento do totemismo, o qual traz em si os começos da religião, da moralidade e da organização social” (Freud, 2011, p. 65).

Dessa forma, os princípios que caracterizam a massa — a irracionalidade, a animalidade e as tendências inconscientes — também anunciados pelos teóricos anteriormente citados, remontam a regressão para a horda primeva:

As massas humanas exibem novamente a familiar imagem do indivíduo superforte em meio a um bando de companheiros iguais, também contida em nossa representação da horda primeva. A psicologia dessa massa, tal como a conhecemos das descrições até aqui mencionadas — a atrofia da personalidade individual consciente, a orientação de pensamentos e sentimentos nas mesmas direções, o predomínio da afetividade e da psique inconsciente, a tendência à imediata execução dos propósitos que surgem —, tudo isso corresponde a um estado de regressão a uma atividade anímica primitiva, como a que nos inclinamos a atribuir à horda primeva (Freud, 2011, p. 66).

<sup>11</sup> Conforme Freud (2011), a Horda primeva é um mito que permitiu o surgimento das massas e da moralidade. Segundo o mito, havia um pai primordial na horda que dominava todas as mulheres e não permitia outros homens manter relações sexuais com elas: “o pai da horda havia impedido os seus filhos de satisfazerem seus impulsos sexuais diretos; obrigou-os à abstinência e, por conseguinte, o estabelecimento de laços afetivos com ele e entre si” (Freud, 2011, p. 68). Tal pai primordial era amado e temido por todos, até que “esses filhos se juntaram numa ocasião, e o mataram e o despedaçaram. Nenhum dos membros vencedores pôde se colocar no seu lugar, ou, quando um deles o fez, renovaram-se as lutas, até perceberem que todos tinham que renunciar à herança do pai. Então formaram a comunidade totêmica de irmãos, todos com direitos iguais e unidos pelas proibições” (Freud, 2011, p. 78-79).



Enfim, o que é possível compreender deste pensamento freudiano é a necessidade estrutural de um líder (pessoa ou ideia) conduzir a organização da massa. O líder não está ligado necessariamente ao espectro religioso ou da imortalidade, uma vez que, com a morte de uma liderança (seja pessoa física, seja abstração), há a necessidade de novo líder assumir a posição, para dar continuidade às dinâmicas da organização. Logo, não existe um espaço vazio para a liderança em um grupo.

## 2 O mangá *Suicide Club*: algumas características

O mangá constitui uma forma de produzir histórias em quadrinhos, tradicionalmente associado a determinado “estilo”, o japonês.

Mangá, em japonês, é o termo que abrange uma ampla gama de formas de ilustrações de caráter de entretenimento e lazer, o que comporta caricaturas, charges e ilustrações cômicas. Nos últimos anos, porém, a palavra mangá está mais identificada com as histórias em quadrinhos em “estilo” japonês.

É importante ressaltar que, dentro da produção de quadrinhos japoneses, existe uma infinidade de estilos e gêneros. Dessa forma, é temerário definir um único estilo como sendo específico do mangá (Chinen, 2013, p. 6).

O mangá japonês, considerando as ideias de Chinen (2013), funciona como uma nomeação que abarca vários segmentos, destinados, por sua vez, a públicos-alvo distintos. Isso quer dizer que existem mangás de aventura, drama, terror, ficção científica, fantasia, suspense, autobiográficos, biográfico etc. Cada um deles pode ser destinado a um segmento específico, visto que se pretende atingir certo público-leitor. Chinen (2013) aponta os principais segmentos e caracteriza-os, tomando como critérios os gêneros preferidos pelo público e a faixa etária (Quadro 1).



Quadro 1 - Os principais segmentos dos mangás.

	Segmentos	Algumas características
Público masculino	<i>Shonen</i> ou <i>shounen</i>	Destina-se ao leitor adolescente, do ensino fundamental ao fim da adolescência. Amizade, honra, determinação, trabalho em equipe e vitória são os temas favoritos desse público. “Há histórias de todos os gêneros: de ficção científica e comédia a drama e romance, passando por temas muito caros aos japoneses, como os esportes e os robôs” (Chinen, 2013, p. 24). Os protagonistas são heróis masculinos. Exemplos: <i>Naruto</i> , <i>One Piece</i> , <i>Dragon Ball</i> e <i>Cavaleiros do Zodíaco</i> .
	<i>Seinen</i>	Os protagonistas continuam sendo masculinos, porém a temática se amplia, pois as histórias se definem como “mais viris, com as ações sendo levadas ao extremo” (Chinen, 2013, p. 26). Por isso, o público é mais maduro, explorando a violência, a obrigação, o sacrifício e o erotismo. “Os personagens não se dividem em mocinhos e bandidos, mas possuem nuances de comportamento e as histórias são baseadas em dramas mais realistas e menos fantástico” (Chinen, 2013, p. 26). Exemplos: <i>Lobo solitário</i> , <i>Akira</i> e <i>Vagabond</i> .
Público feminino	<i>Shojo</i> ou <i>shoujo</i>	Destina-se à leitora adolescente, tendo “histórias românticas e personagens femininas bonitas e elegantes” (Chinen, 2013, p. 28). A preferência é pelas “aventuras de garotas apaixonadas que fazem de tudo para conquistar o rapaz mais charmoso ou mais popular da escola secundária” (Chinen, 2013, p. 28). Porém, outros gêneros são comuns, tais como o de terror e o de ficção científica. Exemplos: <i>Orange</i> e <i>Rosa de Versalhes</i> .
	<i>Josei</i>	Voltado à leitora entre 20 e 30 anos, as narrativas são mais realistas. Por isso, as protagonistas são “mulheres determinadas que sabem exatamente o que querem da vida” (Chinen, 2013, p. 30). Os conflitos diários e reais das mulheres são explorados, por exemplo, o assédio, o estupro, a prostituição, as frustrações amorosas. Exemplos: <i>Vitamin</i> , <i>Suicide Club</i> e <i>Paradise Kiss</i> .

Fonte: síntese das principais características, com base em Chinen (2013).

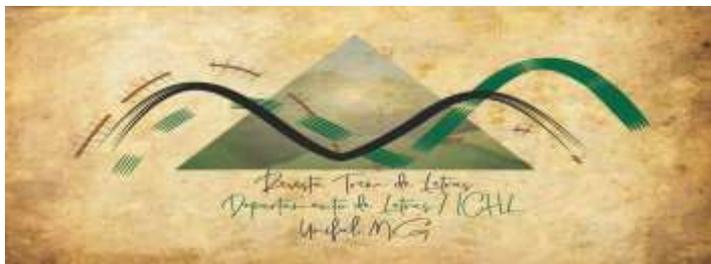
A organização dos mangás a partir dos quatro segmentos mencionados constitui uma referência, pois o leitor pode transitar entre eles. No Brasil, por exemplo, o *shonen* mangá *Naruto* é bastante lido pelas adolescentes. Isso quer dizer que a ação atribuída aos mangás destinados ao público masculino pode ser de interesse das leitoras, à medida que as emoções e os relacionamentos podem ser preferências desse público masculino e de outros. Além disso, os mangás acompanham as transformações sócio-históricas, ampliando as temáticas e os potenciais públicos, com autorias femininas e as relações homoafetivas. Existem mangás produzidos com base nas memórias pessoais, mais



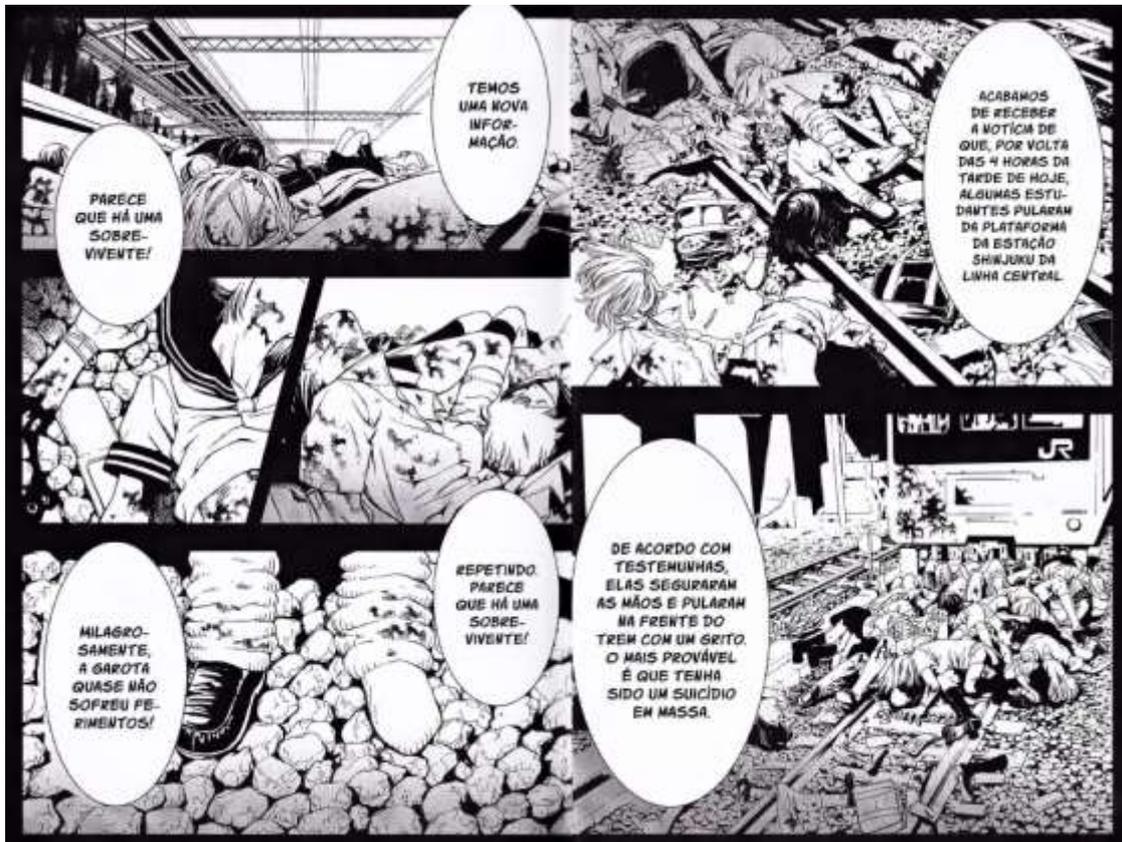
intimistas, mais históricos (referências às guerras) e voltados para o público infantil, o *Kodomo*. Este segmento se destina às crianças, com narrativas mais simples e atreladas a ensinamentos de certos valores, como o da amizade.

O mangá *Suicide Club* (Furuya, 2017) pode ser entendido como voltado para a leitora adulta (*josei*), pois o desenvolvimento narrativo concentra-se em personagens femininas, explorando as relações de amizade, a prostituição, as relações de poder no grupo, a automutilação e o sofrimento psíquico. As vivências pertencem ao universo colegial (final da adolescência), equivalente, no Brasil, ao ensino médio. Sem a exploração de romances, foca-se nos conflitos e nas perturbações psicológicas das protagonistas, as líderes Yoko Suzuki, Saya Koda e Kyoko (sem referências ao sobrenome no mangá). Também há conexões com o sobrenatural, a morte e o medo.

O enredo do mangá *Suicide Club* (Furuya, 2017) inicia-se com um suicídio coletivo (Fragmento 1), ocorrido no dia 31 de maio de 2001, na estação de trem Shinjuku, localizada na parte central da cidade de Tóquio, no Japão.



### Fragmento 1 - O suicídio coletivo na estação central Shinjuku



Fonte: Furuya (2017, p. 8-9) (leitura da direita para esquerda).

Em torno das 16 horas, 54 garotas se dirigiram ao embarque. Juntas, observaram como as pessoas reagiram àquele agrupamento de adolescentes de mãos dadas e visivelmente felizes. Aguardaram o trem se aproximar, simultaneamente contando até três. Pularam em frente dele. Despedaçadas, as garotas foram retratadas. Entretanto, surpreendentemente uma delas sobreviveu, Saya Koda. Em sete vinhetas, distribuídas em três páginas, enfatiza-se a maneira como os corpos ficaram sobre os trilhos, após o impacto com o trem. Com isso, constrói-se um “clima” de mistério, provocando indagações



quanto às motivações desse suicídio coletivo de garotas visivelmente felizes. Como é possível uma garota sobreviver?

O suspense nas histórias em quadrinhos, segundo Borges (2018), organiza-se a partir da formulação de perguntas a serem respondidas à medida que o leitor prossegue a leitura. O desenvolvimento do enredo também se alicerça no “cálculo” da apresentação dos fatos e nas pausas propositais, porque não basta levar o leitor a fazer perguntas, é preciso manter a curiosidade, o interesse pela “verdade”. Isso é claramente explorado no mangá *Suicide Club* (Furuya, 2017). O suicídio coletivo inicial antecede o primeiro dos seis capítulos, funcionando como uma introdução ao desvendar as motivações e os acontecimentos que resultaram nesse suicídio. “Antes da história, haveria uma ‘pré-história’, uma espécie de introdução temática, já iniciando a construção do suspense por meio do levantamento de hipóteses a certas perguntas possivelmente feitas pelo leitor” (Borges, 2018, p. 6).

“Escuta, você conhece a Mitsuko?” (Furuya, 2017, p. 1). Esta é a primeira pergunta, também o primeiro elemento do enredo apresentado ao leitor. Buscando conhecer a Mitsuko, o interesse do leitor se mantém. Assim, o mangá, à primeira vista, pode ser definido como a história dessa Mitsuko. Como será explicado mais adiante, tal história está diretamente relacionada à construção da liderança do grupo, cujo destino é o suicídio coletivo. Tal liderança se materializa quando quatro garotas assumem a identidade Mitsuko, em momentos diferentes no enredo. Por consequência, elas abandonam seus nomes próprios e tudo a eles atrelado, tendo em vista a busca de um fim libertador por meio do suicídio coletivo. O enredo se desenvolve a partir de Saya Koda, a terceira líder Mitsuko citada no mangá.

Retomando o primeiro fragmento, observa-se a resignificação do balão de fala. Acevedo (1990), Cagnin (2014), Ramos (2010) e Vergueiro (2014) elencam o balão de



fala, ao lado do de pensamento, como um dos mais conhecidos e mais utilizados em uma história em quadrinhos. Segundo Acevedo (1990), o formato curvilíneo e o rabicho constituem o continente, enquanto o conteúdo diz respeito ao que nele está escrito. Para Chinen (2013), o balão de fala e o de pensamento possuem rabichos discretos nos mangás, podendo ser ausentes.

Os novos leitores talvez não reparem que os balões no mangá são diferentes dos balões dos quadrinhos ocidentais. Enquanto estes indicam claramente o personagem falante com rabichos bem pronunciados, nos mangás esses rabichos são mais sutis ou nem sequer aparecem. Em vez disso, para representar a fala ou o pensamento de diferentes falas, os balões ganham formatos diferenciados (Chinen, 2013, p. 40).

As emoções são mais exploradas nos mangás do que nas histórias em quadrinhos ocidentais. Por isso, o formato dos balões nos mangás também reflete tais emoções, inclusive o silêncio. Em *Suicide Club* (Furuya, 2017), os rabichos são discretos, porém a ausência é predominante, como se observa no Fragmento 1. Também é comum o balão de fala funcionar como legenda, como acontece no fragmento em questão, que consiste em uma voz narrativa noticiando o suicídio coletivo. Nesse caso, não há o direcionamento desse dizer a uma personagem. Facilmente o leitor percebe a mudança de funcionalidade do balão de fala para legenda.

Particularmente pelos olhos e por outros elementos faciais, como o rubor e o nariz, as emoções no mangá são exploradas.

**Para o mangá, os olhos têm uma carga expressiva tão grande que existe uma espécie de código específico para eles:**

- Olhos grandes e redondos significam inocência, pureza e juventude;
- Olhos médios e ovalados representam uma pessoa de bem, mas com algo de nebuloso em seu passado;
- Olhos estreitos e semicerrados são maléficos, sádicos, típicos de vilões;
- Heróis ou heroínas têm a íris grande;
- Nos olhos dos vilões a íris é pequena ou simplesmente ausente (Chinen, 2013, p. 54).



Somado a isso, as vestimentas das personagens são cuidadosamente detalhadas, o que também é feito no mangá *Suicide Club* (Furuya, 2017). Claramente, compreende-se que o enredo é ambientado em um universo colegial, perceptível por meio do uso dos uniformes das garotas (inverno e verão), em combinação com elementos dos espaços: sala de aula (lousa, carteira, giz, cadernos), armários do corredor do colégio, refeitório, partes externas das edificações dos colégios femininos (terraço, fachada da frente, portão, janelas, pátio, quadra e escadaria).

São usadas poucas onomatopeias, um recurso típico do mangá, segundo Chinen (2013). Já em relação ao fundo desfocado, outro recurso característico do mangá, em *Suicide Club* (Furuya, 2017), há o uso em certos momentos. Porém, prioriza-se o plano total ou de conjunto, em que a personagem é retratada de corpo inteiro à medida que o espaço é diminuído. Isso é importante, porque se vincula a realização de certas ações a determinados espaços. Por exemplo, as atividades do grupo (manifestações do sofrimento, automutilações, tatuagens na orelha) e o último suicídio ocorrem no terraço do colégio. As demonstrações públicas da coesão do grupo acontecem também nas partes externas, tais como: estação de trem e a caminho do colégio.

Outros recursos da linguagem quadrinística são destacados na caracterização do grupo e na construção da liderança.

### 3 Caracterização do grupo do suicídio

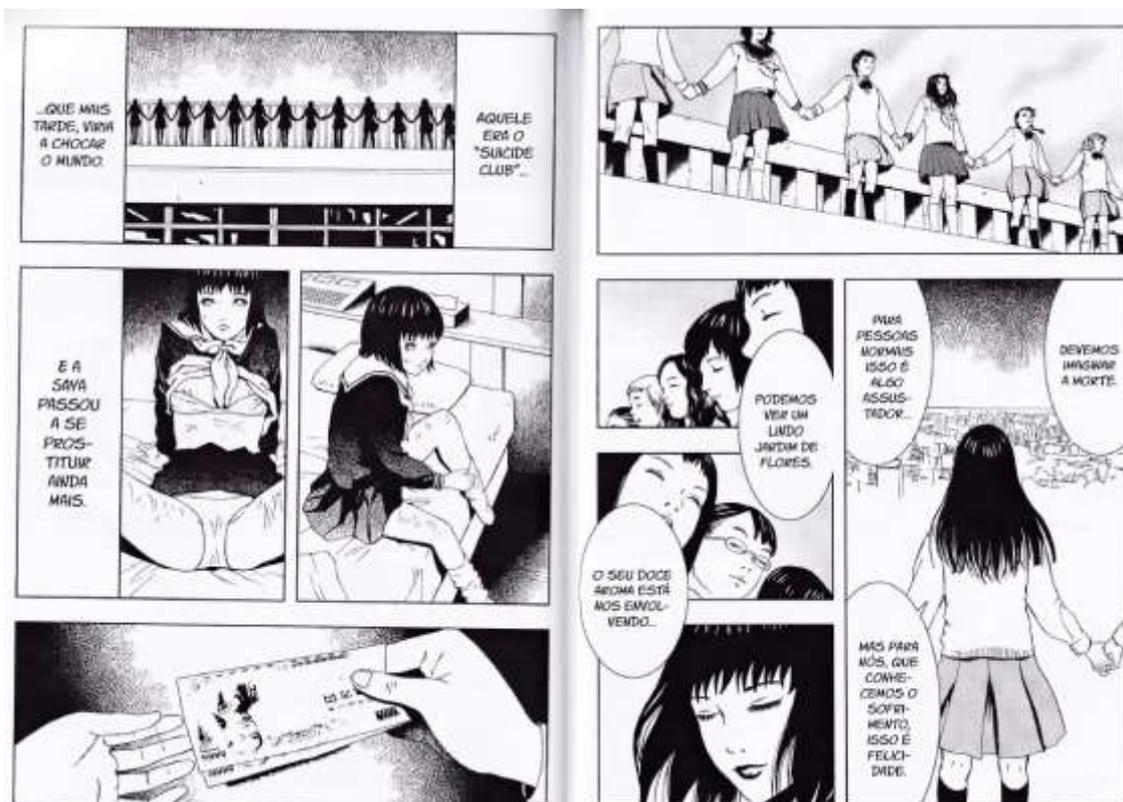
Nesta seção, são apresentadas as principais características de uma massa atuante no mangá *Suicide Club* (Furuya, 2017), tais como: composição do grupo e especificidades da união (irracionalidade, conexões, ilusão, acriticidade e assassinatos).



Em relação à composição do grupo, todas as integrantes são adolescentes em fase escolar. Não há uma descrição precisa dessas garotas quanto à idade, aos lugares onde moravam, por exemplo. Eram garotas de colégios femininos diferentes, tais como: Seika e Meiwa. Observando as diversas vezes em que elas são desenhadas no mangá (Fragmento 2), possuem estaturas próximas, sempre vestindo os uniformes colegiais. No fragmento 2, é o relato referente à participação de Saya como integrante do grupo, momento anterior ao suicídio coletivo ocorrido na estação central (Fragmento 1). A jovem passou a se prostituir ainda mais e frequentemente participava de atividades nas quais as integrantes “experimentavam” o prazer da morte. Também pode relacionar isso a duas características das massas, segundo Le Bon (1980), o contágio mental e o poder da sugestão.

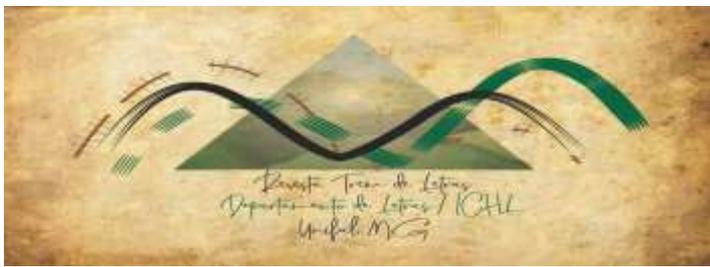


## Fragmento 2 - Composição do grupo e parte da rotina



Fonte: Furuya (2017, p. 66-67) (leitura da direita para esquerda).

A união da massa feminina ocorre a partir da premissa básica de que as vivências e dores pessoais das garotas só são verdadeiramente compreendidas pelo e no grupo. Logo, as garotas acreditavam que, na exterioridade da massa, não havia a possibilidade de elas terem as próprias subjetividades e sofrimentos psíquicos compreendidos e respeitados pelas demais pessoas, as não integrantes desse grupo (a massa feminina descrita no mangá). Dessa forma, a conexão entre as integrantes ocorria a partir da identificação com as vivências e dores de suas semelhantes. Em *Suicide Club* (Furuya, 2017), tais vivências e dores estavam ligadas a experiências sexuais malsucedidas,

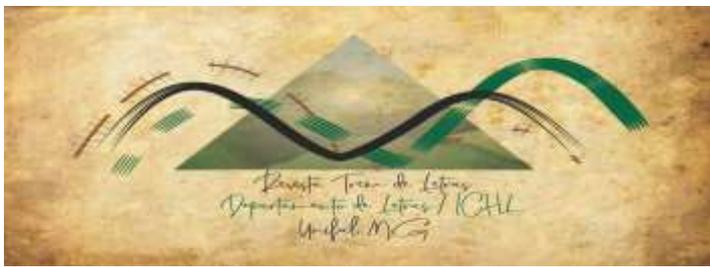


depressão, automutilação, machismo, objetificação sexual, prostituição, perdas de entes queridos (o pai de Saya, por exemplo) e diferentes formas de exclusão (como o *bullying*).

A massa feminina, como dito, forma-se porque há uma identificação sólida entre as integrantes, movida, com base em Freud (2011), nas ligações libidinais. Em meio às relações envolvendo amor e afetividade, notam-se a irracionalidade e a falta do questionamento advindas das próprias integrantes. Por exemplo, não refletiam em que medida era a intensidade ou quão verdadeiro era o amor da líder por elas. Com isso, a ilusão também pode ser tida como um aspecto que reforçava a irracionalidade norteadora da união do grupo.

As maneiras como o grupo era referido no mangá sinalizam a presença dessa ilusão. Na visão de Saya, quando explicou para a amiga Kyoko, por meio de um diário, o início da participação no grupo, ela o definia como “clube social da Mitsuko” (Furuya, 2017, p. 24). Em outro momento, Saya o referia como “clube da Mitsuko” (Furuya, 2017, p. 60). Em contrapartida, sob a ótica de Kyoko, que via a participação da amiga nesse grupo como prejudicial, a nomeação dada era de “Suicide Club” (Clube do Suicídio) (Furuya, 2017, p. 67). Mesmo que Saya estivesse mais feliz, as automutilações se mantiveram e a frequência com que se prostituía havia aumentado. Por isso, Kyoko o definia como Clube do Suicídio. Pelo fato de a perspectiva narrativa prioritariamente ser feita sob o olhar de Kyoko, ela relatou a história das três garotas que assumiram a identidade de Mitsuko, apontando os malefícios que a adesão ao grupo proporcionava às integrantes, sobretudo a Saya. No final, a própria Kyoko foi destinada a ser a quarta Mitsuko.

Conforme a perspectiva freudiana, a solidificação das massas só ocorre a partir do fenômeno da identificação do Eu psíquico com as vivências de um Eu semelhante. Logo, a individualidade e as particularidades de cada integrante da organização são negligenciadas, ocorrendo a desestruturação do psiquismo individual em favor de uma



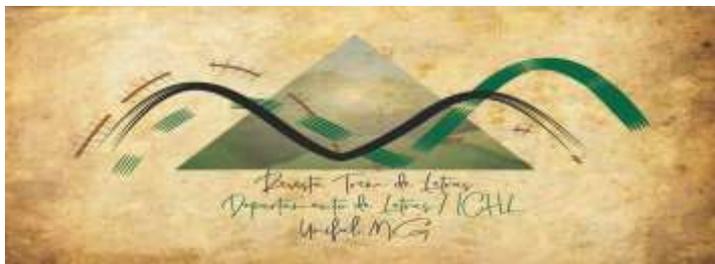
pauta coletiva em comum. De forma análoga, para Le Bon (1980), o funcionamento das massas só ocorre quando o indivíduo é tomado pelo fenômeno de contágio com os seus semelhantes. À vista disso, nega a própria individualidade para assumir os interesses e objetivos do coletivo, agindo em prol do grupo. Assim, as protagonistas do mangá deixaram seus desejos individuais, para uma pauta partilhada pelo grupo, que era chocar os indivíduos exteriores ao grupo (Fragmento 3), dando visibilidade aos sofrimentos e valorizando a causa.

Fragmento 3 - Composição do grupo e parte da rotina



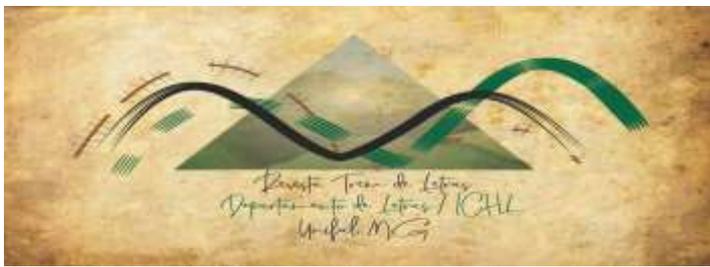
Fonte: Furuya (2017, p. 62-63) (leitura da direita para esquerda).

Freud (2011) aponta que, na constituição das massas, a racionalidade e a cientificidade são deixadas em segundo plano em função da importância de homogeneizar

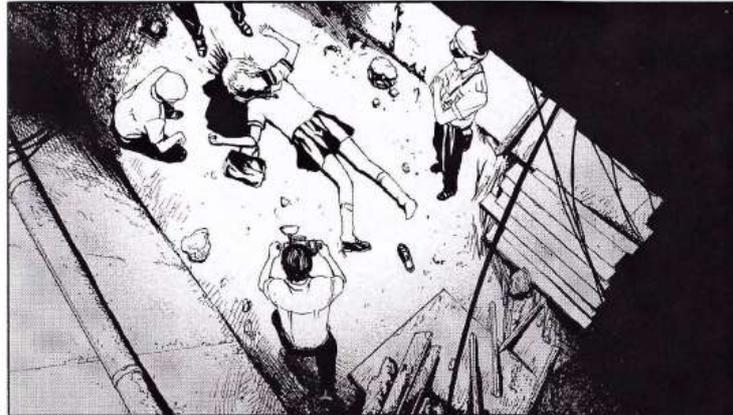


as individualidades e ressignificá-las em uma entidade maior. Dessa forma, as implicações lógicas que a automutilação poderia causá-las, como o prejuízo físico e o fato de o ato não contribuir diretamente para a resolução do transtorno, e sim ser uma sublimação momentânea do sofrimento, são dissolvidas para a validação do grupo. Logo, há uma transformação no indivíduo quando se integra a alguma massa, estando à mercê dos efeitos danosos da banalidade e irracionalidade, pois ele “desce vários degraus na escala na civilização. Isolado, ele era talvez um indivíduo cultivado, na massa é um instintivo, e em consequência um bárbaro. Tem a espontaneidade, a violência, a ferocidade, e também os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos” (Le Bon, 1980, p. 14).

Outra característica que comunga com o princípio da acriticidade das massas é o caráter animalesco que estas adquirem ao agir coletivamente. No mangá, esta animosidade é vista em múltiplos momentos, desde a agressividade verbal com integrantes que não frequentam o grupo e perseguições até os homicídios com quem tentasse intervir e problematizar o grupo. No segundo capítulo — intitulado “Boato” (Furuya, 2017, p. 26-43) — fotografias de Saya nua durante as relações amorosas com os clientes são expostas nos armários localizados nos corredores do colégio. Algumas dessas fotografias dizem respeito a um encontro entre Saya e o namorado de Satomi Tokuda. Furiosa e acreditando que o namorado tivesse sido seduzido, publicamente Satomi agrediu tanto verbal quanto fisicamente Saya. Porém, no dia seguinte, 3 de julho de 2001, Satomi foi encontrada morta em um beco, um aparente suicídio, relatado no terceiro capítulo, “Kyoko” (Furuya, 2017, p. 44-71) (Fragmento 4). Apenas no final do mangá, é revelado que se tratou de um assassinato, um indício de que outra Mitsuko estaria surgindo, despertando, como relatou a Kyoko, a narradora e uma das protagonistas.



#### Fragmento 4 - Morte de Satomi Tokuda após agredir Saya



Fonte: Furuya (2017, p. 46).

Não só a morte de Satomi Tokuda como a do professor Takeuchi — quinto capítulo, “Colapso” (Furuya, 2017, p. 113-137) — são retratadas a partir do ângulo de visão superior, um dos recursos da linguagem quadrinística para situar os acontecimentos e as personagens em atuação em relação ao espaço. Segundo Acevedo (1990), a partir de três ângulos de visão, conta-se uma história em quadrinhos:

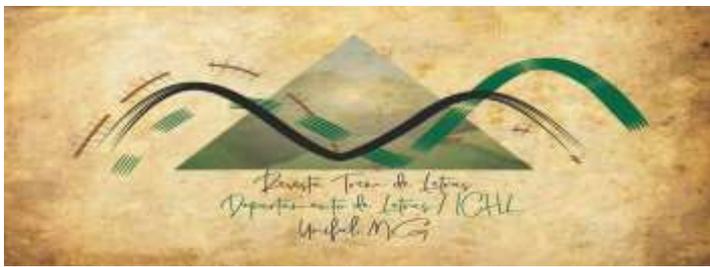
- 1) médio, pelo qual o leitor tem a impressão de que os acontecimentos se passam à altura dos olhos — por exemplo, as vinhetas do fragmento 3, exceto a quarta, fazendo a leitura da direita para esquerda;
- 2) inferior, quando a história é contada da direção de baixo para cima — por exemplo, a primeira vinheta do fragmento 2, também lendo da direita para esquerda;
- 3) superior, é o inverso do ângulo anterior, os fatos são apresentados de modo que sejam observados de cima para baixo — por exemplo, seguindo a direção japonesa



de leitura da direita para esquerda, a quarta vinheta do fragmento 3, além dos fragmentos 4 e 5.

O professor Takeuchi foi uma personagem fundamental para o desdobramento da narrativa, pois ministrava aulas para as meninas que frequentavam o grupo, além de ter conhecido a Yoko Suzuki, a segunda Mitsuko citada no mangá. Assim, pôde investigar a dinâmica dos grupos, liderados por garotas diferentes, em ciclos distintos. Reuniu provas de como surgia uma nova Mitsuko, de maneira a configurar uma força coercitiva para o grupo liderado. Tudo isso foi apresentado para Kyoko, a amiga de Saya, com o objetivo de romper a continuidade do terceiro ciclo do grupo de suicídio.

Entretanto, houve uma reviravolta, quando uma das integrantes revelou à Saya — já assumindo-se e autodeclarando-se como Mitsuko (a terceira) e com um consolidado grupo de seguidoras — que a Kyoko tinha estado com o professor Takeuchi. Saya, agora como Mitsuko, pensou que a amiga estivesse tendo um relacionamento com o professor em questão, repetindo uma situação já vivida anteriormente: a preferência por um relacionamento amoroso ao invés de apoiá-la. Uma vez que Kyoko conhecia a dinâmica do grupo do suicídio, as atividades realizadas, o destino planejado e a consolidação de Saya como líder, somado ao ódio que esta possuía do professor, a consequência foi o assassinato, como se observa no fragmento 5.

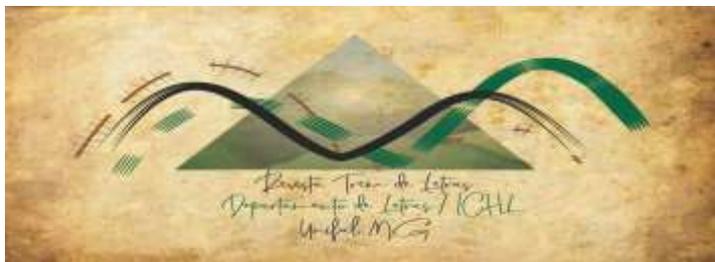


### Fragmento 5 - Morte do professor Takeuchi



Fonte: Furuya (2017, p. 127).

Em síntese, o caráter animalesco e irracional do grupo é verificado a partir do objetivo de manter a união das integrantes, preservando-se de uma eventual dissociação. Assim, elas recusavam a exterioridade, os questionamentos, as divergências etc. e utilizaram a coerção e tirania, com o propósito de frustrar qualquer tentativa de modificações substanciais. Na sequência, são apontadas as principais características para a construção das líderes.



#### 4 A construção da liderança de uma massa

Para Freud (2011), Le Bon (1980) e MacDougall (1928), todo indivíduo necessita de uma coletividade. Entretanto, Freud (2011) destaca que as relações libidinais e a liderança são fundamentos para a composição das massas. Na seção anterior, foram evidenciadas as principais características da massa feminina, que, ao longo do enredo, de constituiu em quatro ciclos. Cada um deles era formado por um grupo e por uma líder chamada de Mitsuko, configurando uma identidade simbólica e que respondia por um grupo, desvincilhando-se das identidades reais, os nomes próprios: Keiko Taka, Yoko Suzuki, Saya Koda e Kyoko (sem referências ao sobrenome no mangá).

A primeira líder Mitsuko é citada quando o professor Takeuchi revelou a Kyoko a dinâmica dos grupos de suicídio, levantando a hipótese de que se trataria de uma continuidade, dividida em ciclos. O primeiro grupo, correspondente ao primeiro ciclo, era liderado por Keiko Taka, tendo, além dela, três integrantes. Uma delas era Yoko Suzuki. Na época, o suicídio coletivo ocorreu no Colégio Kyoritsu, tendo uma sobrevivente. Mesmo noticiado na mídia, não teve o mesmo impacto que o suicídio coletivo do início do enredo e o último.

Com base na investigação do professor, a primeira líder possuía uma força particular, a ponto de rapidamente transformar uma garota depressiva como Yoko Suzuki em uma pessoa feliz. Isso se repetiu com Saya Koda, que também estava depressiva, porém se automutilava e se prostituía. Mesmo a amizade de muitos anos como Kyoko, não foi suficiente para trazer-lhe certo conforto, especialmente com a internação do pai por uma doença mental não especificada no mangá.



As referências da segunda líder Mitsuko são trazidas à tona pela perspectiva da narradora Kyoko, uma vez que tal líder se suicidou no início do enredo. Tanto a segunda quanto a terceira líder possuíam diversas semelhanças, a começar pela força sedutora que exercia sobre as integrantes. Ambas as líderes eram cegamente admiradas pelas demais garotas, o que reforça o poder de influência do chefe, como destaca Freud (2011). Esse poder estava diretamente ligado à identificação que deveria existir entre as integrantes e a líder. Aquelas precisavam ser e sentir-se acolhidas, amparadas por esta, como foi apontado na seção anterior. Sem questionamentos, as integrantes realizavam as atividades em grupo, chorando juntas, automutilando-se, tatuando uma marca na orelha etc. Tudo isso fortalecia os laços entre as garotas, entre elas e Mitsuko, facilitando ainda mais a realização dos desejos das líderes. Como mencionado anteriormente, os assassinatos da garota Satomi Tokuda e do professor Takeuchi são desejos da terceira Mitsuko (Saya) realizados não só para fortalecer o poder, como também preparar as próprias garotas para o destino, o suicídio coletivo, finalizando o ciclo de um grupo e de uma liderança, à medida que deve “nascer” outra Mitsuko (Kyoko).

Tanto Yoko (segunda) quanto Saya (terceira Mitsuko), antes de integrarem ao grupo, encontravam-se vulneráveis. Quando Saya sofreu agressões de Satomi, é possível perceber a vulnerabilidade também na expressividade facial e corporal (Fragmento 6).



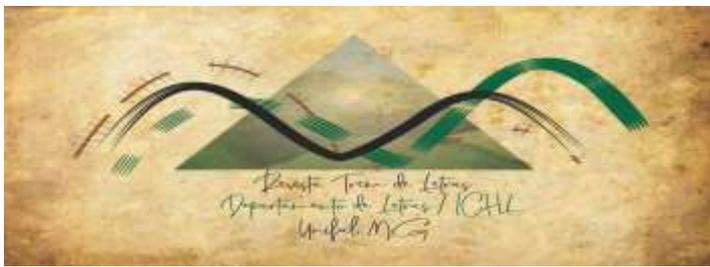
### Fragmento 6 - Saya antes de ser a terceira líder Mitsuko



Fonte: Furuya (2017, p. 40-41) (leitura da direita para esquerda).

Retomando as características dos olhos das personagens nos mangás segundo Chinen (2013), percebe-se a fragilidade de Saya, ainda sugerindo inocência, porém tristeza e mistério. O formato mais ovalado infere ainda não revelado ou compreendido na história. Nesse momento, ainda não se compreendia a real função de Saya no grupo da Mitsuko, pois era uma das integrantes. O surgimento da força como líder ocorreu depois, após o suicídio coletivo retratado no início do mangá (Fragmento 1). Além disso, por se tratar de um mangá de suspense, as revelações são feitas estrategicamente ao leitor.

Nesse momento (Fragmento 6), pode-se relacionar a vulnerabilidade da personagem como um Eu ainda perdido, como Saya procurou explicar para Kyoko. Por



isso, a solidão e o sentimento de incompreensão de Saya constituem forças propulsoras para a formação do terceiro ciclo do grupo. A sobrevivência do último suicídio coletivo é justificada por sua missão de ser a figura conciliadora de um novo grupo. Saya deixou de se identificar com o seu Eu singular e assumiu uma identidade simbólica, a liderança como Mitsuko, cujo intuito era fazer com que o grupo não terminasse, e sim se tornasse mais resistente e complexo. De acordo com a investigação do professor Takeuchi, a formação do grupo da terceira Mitsuko (Saya) foi feita mais rapidamente do que a do grupo da segunda (Yoko).

As mudanças da Mitsuko também se conectam com a perspectiva freudiana de Horda Primeva, em que o líder, por ser mortal, deve encontrar um substituto para dar seguimento à massa. “O pai primordial da horda não era ainda imortal, como veio a se tornar pela divinização. Ao morrer, tinha que ser substituído; seu lugar era provavelmente ocupado por um filho jovem, que até então fora indivíduo da massa como os outros” (Freud, 2011, p. 67). Por isso, Saya, agora transfigurada de Mitsuko, voltava a reunir novas seguidoras para grupo, a partir da mesma dinâmica de identificação dos Eus adotada por Yoko Suzuki (segunda Mitsuko).

A identificação do Eu com a líder foi tão bem-sucedido que há uma simbologia da Mitsuko representada como Jesus. Essa paródia (Fragmento 7) foi feita por uma integrante do grupo para expressar seu amor à líder, ilustrando, assim, a força simbólica que uma Mitsuko possuía sobre as seguidoras.



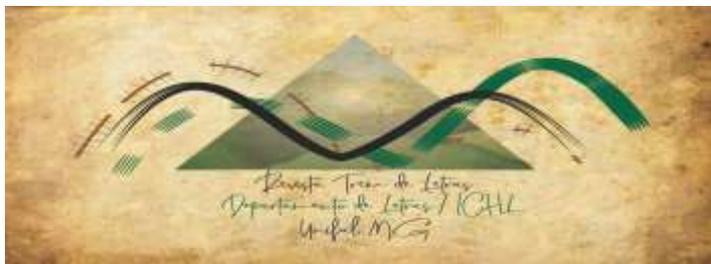
### Fragmento 7 - Saya como Mitsuko parodiando Jesus Cristo



Fonte: Furuya (2017, p. 93) (leitura da direita para esquerda).

Como já aludido em seção anterior, o paralelo com a Igreja pode elucidar a característica democrática do movimento, pois, assim como Jesus Cristo, a Mitsuko partilha um amor incondicional, baseado na fé cega. Entretanto, cada seguidor de uma religião acredita que o Deus por ele amado na mesma medida o ama. No mangá, isso é questionável, pois há um momento no qual a terceira Mitsuko (Saya) perguntou a uma integrante, durante uma atividade de manifestação de submissão à líder, se a quantidade de dinheiro oferecida corresponderia o amor sentido. A partir disso, entende-se como a força exercida pela líder era tamanha, a ponto de ainda a integrante desculpar-se por oferecer pouco e reforçar que a dimensão do amor seria maior. Também se pode inferir que a líder tinha dimensão da própria força sobre as integrantes do grupo, muito mais procurando saciar os desejos como líder do que aliviar as dores das seguidoras.

Em relação à última líder como Mitsuko, a escolhida foi Kyoko, a amiga desde a infância de Saya. Aproximando-se do destino do terceiro ciclo do grupo, era necessário garantir que uma, dentre as garotas, sobrevivesse após o suicídio coletivo. Nesse ponto, a terceira Mitsuko (Saya) se difere da anterior, pois as estratégias de planejamento do

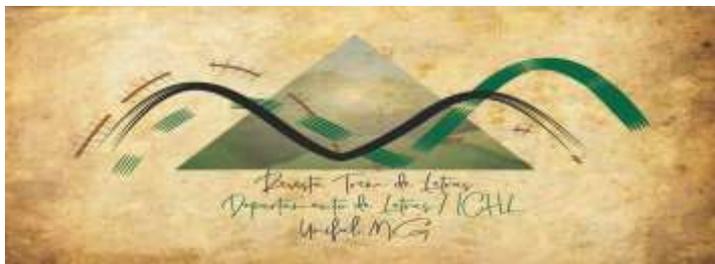


suicídio coletivo, de fortalecimento do grupo por meio dos assassinatos e o rápido aumento das integrantes se destacam. Por isso, também era necessário e urgente garantir a sobrevivência de uma garota que seria a futura Mitsuko, no caso, a quarta líder.

Contudo, Kyoko não apresentava características de vulnerabilidade relacionadas à depressão, automutilação ou prostituição. Conhecendo muito bem a amiga, a terceira Mitsuko (Saya) explorou a culpa, quando a levou a acreditar que teria contribuído com a transformação da Saya em uma pessoa maldosa, violenta e calculista, facilmente seduzida pela segunda líder. Até o último minuto, quando o pescoço de Saya se chocou no chão durante a queda do terraço colégio, foi explorado pela terceira Mitsuko. Pode-se dizer que tal líder superou as anteriores na habilidade em ser dissimulada, porque mais valia satisfazer os próprios desejos animais, irracionais do que valorizar a amizade entre Saya e Kyoko.

## Considerações finais

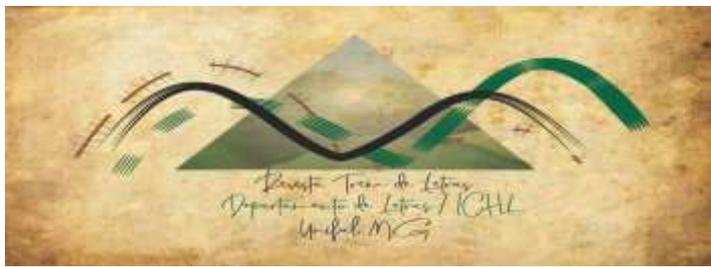
A partir da análise feita, pode-se dizer que a percepção do suicídio coletivo se sustenta, à primeira vista, na morte como alívio do sofrimento psíquico das integrantes. De certa forma, as automutilações, a prostituição, o *bullying*, a solidão, as exclusões diversas, o desespero e a depressão funcionavam como forças propulsoras de garotas individualmente vulneráveis e impotentes, estando abertas às sugestões propostas por lideranças oportunistas e dissimuladas. A terceira Mitsuko (Saya) se destacou, pois foi capaz de transformar os próprios sofrimentos e a vulnerabilidade em uma força destemida, desejante e totalmente avessa aos princípios da racionalidade e civilidade. Como resultado, soube agir em benefício próprio. Aparentemente, mostrava-se



preocupada com as integrantes, parecendo entendê-las. Mas, no fundo, esperava atos de devoção cega e contribuições financeiras, também exigindo que as integrantes cometessem atos violentos, incluindo o assassinato do professor. Tudo isso em nome do desejo de poder ser e poder fazer. Não há luta por um bem coletivo. Talvez até possa dizer que havia um desejo de vingança, quando conseguiu direcionar a dinâmica do grupo, de modo que ela morresse, enquanto a amiga Kyoko sentisse culpa por tê-la supostamente abandonado em um momento difícil, sendo, no final, persuadida a ser a quarta Mitsuko.

Com base nas ideias de Le Bon (1980), MacDougall (1928) e Freud (2011), conclui-se que a massa feminina se formou e se consolidou a partir de ligações libidinais, estabelecendo conexões movidas pelo prazer e pela identificação de as garotas sofrerem juntas (partilha e identificação), acreditando ilusoriamente que alcançariam o alívio e talvez a compreensão das demais pessoas. Em nome dessa ilusão, as integrantes não questionavam a dinâmica do grupo, orientada pelos desejos e pelas ordens dadas pela líder em cada fase. Dessa forma, alheias à racionalidade e à criticidade, praticavam atos violentos contra si mesmas e contra qualquer pessoa que pudesse ameaçar a relação construída entre a liderança e a massa obediente e cega, incluindo assassinatos. Nesse sentido, percebe-se uma relação de mútua dependência entre a massa feminina e a liderança, porém em tempos e lugares distintos, um para cada liderança: Keiko Taka, Yoko Suzuko, Saya Koda e Kyoko. Entre essas gerações de grupos suicidas, também se estabeleceu uma relação hereditária, possibilitando “aperfeiçoamentos”, dentre eles, aumento da violência e expansão da massa.

De qualquer forma, com base nas ideias de Le Bon (1980), MacDougall (1928) e Freud (2011), é um desafio a cada indivíduo não ser iludido por uma falsa promessa de



alívio do sofrimento ou pela possibilidade de poder ser ou de poder fazer conforme deseja em seu íntimo.

## Referências

- ACEVEDO, J. *Como fazer histórias em quadrinhos*. Tradução de Sílvio Neves Ferreira. São Paulo: Global Editora, 1990. 214 p.
- ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009. 479 p.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. 491 p.
- BORGES, M. I. Algumas relações entre a linguagem dos quadrinhos e as histórias de suspense “Daruma” (2016) e “O sinal” (2017) de Orlandeli. In: 5<sup>AS</sup> JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 5, 2018, São Paulo. *Anais...* São Paulo, SP: USP, 2018. p. 1-15. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/jornadas/anais/5asjornadas/artigos.php?artigo=q\\_linguagem/maria\\_borges.pdf&jornada=5](http://www2.eca.usp.br/jornadas/anais/5asjornadas/artigos.php?artigo=q_linguagem/maria_borges.pdf&jornada=5)>. Acesso em: 27 nov. 2021.
- CAGNIN, A. L. *Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2014. 288 p.
- CHINEN, N. *Linguagem mangá: conceitos básicos*. São Paulo: Criativo, 2013. 96 p.
- FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 300 p.
- FURUYA, U. *Suicide Club*. Tradução de Denis Kei Kimura. São Paulo, NewPOP, 2017. 168 p.
- HOBBS, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 2. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1979. 230 p.
- LE BON, G. *Psicologia das multidões*. Tradução de Ivone Moura Delraux, Delraux, 1980. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2016/03/le-bon-gustave-psicologia-das-multidões.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- MACDOUGALL, W. *The Group Mind: a sketch of the principles of collective Psychology*. London: G. P. Putnam's, 1928. 428 p.



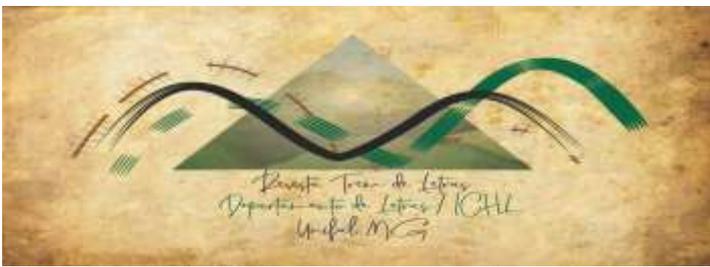
ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Disponível em:  
<<https://www.paho.org/pt>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010. 160 p.

ROUSSEAU, J.-J. *Do Contrato Social*: princípios do Direito Político. Tradução de Antonio de P. Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 186 p.

SETEMBRO AMARELO. Disponível em: <<https://www.setembroamarelo.com/>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessário. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 31-64.



## Leadership and female mass in the manga *Suicide Club*

Leonardo Vinícius Sfordi da Silva

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

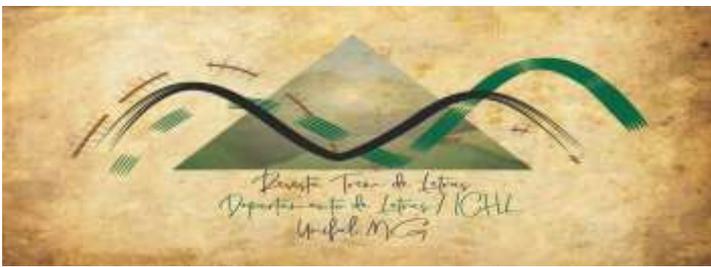
Maria Isabel Borges

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

### Abstract

Suicide is one of the themes covered in the *Suicide Club* manga (Furuya, 2017), which is currently also a public health issue. It is a mysterious story about high school age young girls who form suicide groups. The present article intends to explore and understand the leadership construction of a suicide group in the aforementioned manga from the psychoanalysis of the masses perspective, in connection with the comic book language. The interpretive analysis is organized in three moments: 1) pointing out some principles arising from the Le Bon (1980), MacDougall (1928) and Freud (2011) studies, for the construction of a psychoanalytic perspective on the masses, especially in relation to the constitution of the collective and its leadership; 2) characterization of the *Suicide Club* manga (Furuya, 2017), including some language specificities of the comic book (Acevedo, 1990; Cagnin, 2014; Chinen, 2013; Ramos, 2010); 3) an analysis, subdivided into two points, of the female mass characterization and leadership. Among the aspects observed, the strength of leadership in the composition, cohesion, and direction of the analyzed female mass stands out.

**Keywords:** Psychoanalysis of the masses. Suicide. Manga.



## Liderazgo y masa femenina en el manga *Suicide Club*

Leonardo Vinícius Sfordi da Silva

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Maria Isabel Borges

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

### Resumen

Liderazgo y masa femenina en el manga *Suicide Club* Resumen El suicidio es uno de los temas tratados en el manga *Suicide Club* (Furuya, 2017), que es actualmente también una cuestión de salud pública. Se trata de una misteriosa historia sobre chicas jóvenes, en edad colegial, que forman grupos de suicidio colectivo. Se pretende comprender la construcción del liderazgo de un grupo suicida en el citado manga desde la perspectiva del psicoanálisis de masas, en conexión con el lenguaje de cómic. El análisis de carácter interpretativista se organiza en tres etapas: 1) apuntamiento de algunos principios provenientes de los estudios de Le Bon (1980), MacDougall (1928) y Freud (2011), para la construcción de una perspectiva psicoanalítica sobre las masas, sobre todo en relación con la constitución del colectivo y del liderazgo; 2) caracterización del manga *Suicide Club* (Furuya, 2017), incluyendo algunas especificidades del lenguaje de cómic (Acevedo, 1990; Cagnin, 2014; Chinen, 2013; Ramos, 2010); 3) análisis, subdividido en dos partes, de la caracterización de la masa femenina y del liderazgo. Entre los aspectos observados, se destaca la fuerza del liderazgo en la composición, cohesión y dirección de la masa femenina analizada.

**Palavras clave:** Psicoanálisis de masas. Suicidio. Manga.